

Sara Carinhas

Para não esquecer

PRIMEIRA MEMÓRIA

Só a conhecia pelas fotografias quase gastas dela, sempre nova, nas contra-capas dos seus livros nas estantes lá de casa, ainda por ler. Pensei nessas fotografias na primeira vez que a vi ao vivo, num restaurante indiano em Belém. Estava jantando com uma amiga e com o seu cãozinho de colo, que tinha direito a estar também sentado à mesa com as duas, como se de uma pessoa se tratasse. Só muito mais tarde viria *Myra* ao mundo, devolver-me ao amor dessa imagem.

SEGUNDA MEMÓRIA

Numa tarde quente de 2016, tentando ganhar coragem para lhe telefonar, fui andando para cima e para baixo no corredor de minha casa. Nunca gostei de telefonemas e intimidava-me falar-lhe. Procurei o seu contacto fixo (coisa já tão rara) e cliquei no verde. Passei o resto da conversa em pé, encostada à mesa, como se precisasse de alguma coisa onde me segurasse. Disse-lhe que gostaria de fazer uma leitura encenada a partir dos seus textos. Pouco me lembro, infelizmente, das suas palavras, tais eram os meus nervos, mas sei que me pediu desculpa de antemão por não se encontrar capaz de vir a estar presente ao vivo nesse evento.

TERCEIRA MEMÓRIA

Há muito pouco tempo (ainda a tempo) enviei-lhe uma carta (que espero que tenha recebido) com uma gravação vídeo da nossa leitura (para que pudesse espreitar em sua casa, se quisesse), junto com uma fotografia que tirei na marcha pelo 25 de Abril de 2019 – nela, uma menininha loura tem em frente da cara um cartaz com pequenas florinhas coloridas e uma frase escrita por si à mão dizendo: “novas cartas portuguesas” com o último “s” de cartas e de portuguesas escrito ao contrário.

ÚLTIMA MEMÓRIA

A minha admiração pela sua escrita é imensa e, por consequência admiração igual, nova, pela língua portuguesa. E que tarde já cheguei eu à sua escrita! Bendita a tarefa de poder encenar a leitura de uma autora que nos faz mergulhar para dentro dela, mantendo-nos ao mesmo tempo à tona, na mistura das histórias – deixam de interessar os livros cada um por

si mas antes todos juntos, como se de um só fôlego, um só movimento de mão se tratasse, desvelado e preenchido mais a cada vez.

Meninas Exemplares, título que nos emprestamos de *Casas Pardas* e que em si transporta uma provocação que sempre calha bem, tem vindo connosco numa mala. Com elas ocupámos salas, sentadas à mesa, com as nossas folhas brancas, os nossos lápis, às vezes uma jarrinha de flores frescas, livros e livros que citámos, uma máquina de escrever, um telefone antigo, um tambor de colocar à tiracolo e uma auto-harpa. Cristina Carvalhal, Emília Silvestre, Joana Carvalho, Lídia Franco, Madalena Palmeirim, Nádia Yracema, Sandra Faleiro e Sara Barros Leitão têm vindo comigo, ao longo do tempo, espalhar as palavras-manifesto da nossa autora exemplar.

Sinto com todos os seus livros o que sinto com os de Virginia Woolf – são como armas maciças prontas a responder sempre a tudo que o mundo contém.

PARA AGORA

“Quando as pessoas nos deixam atrás delas fica sempre um rasto de mistério”¹ escreveu Woolf. Quando pessoas-Pessoas nos deixam, não apetece escrever por escrever sobre elas. Ana Luísa Amaral chamou-lhe “Uma tristeza sem nome”. Completamente. E talvez esta escritora-maior que era a Fátima Velho da Costa preferisse que não se escrevesse sobre ela mas antes, como ela sempre fez, sobre o resto, sobre a realidade toda por inteiro. Em resposta ao mundo doente, aos fascistas, ao patriarcado, ao capitalismo, ao racismo, à lgbtfobia, ao machismo, à ignorância, à corrupção, à barbárie, à guerra!

Que texto devo então escrever eu, agora? Querem (como sempre quiseram) silenciar todas as vozes, tirar-lhes o sopro, desinscrevê-las. “Mary quer gritar mas tem a boca cheia de penas, sufoca, quer gritar [...]”² e repara que não a vêem, não escutam, não a lêem, não a deixam existir. As Marys, as Mainas, as Lídias, as Myras, as Saras, as Elviras, as Elisás, as Fátimas, as Irenes, as Capitus, as Marias só e as Marias do Carmo, as Madames e as criadas, querem todas poder dizer “Nasci!”³ e gritá-lo de lá “de dentro da parede”⁴ onde as têm postas, roucas e obstinadas ainda.

Eu quero ser “alguém que não hesite [...] Que não hesite em Não.”,⁵ ajudando a desfiar o fio imenso e invisível que nos atravessa.

Hoje ouvi a artista e activista negra Bia Ferreira dizer de olhos raiados de luta: “Não sere-mos silenciadas! Não seremos silenciadas! [...] Eu não vou me calar. Eu não vou me calar. [...] Enquanto eu tiver ar.”

Pois exactamente.

Junho 2020 – Sintra

NOTAS

¹ in *As Ondas*.

² in *Casas Pardas*.

³ in *Irene ou o Contrato Social*.

⁴ in “A propósito de Maina Mendes ou de como eu já disse sobre isso o que tinha a dizer sem ofensa”.

⁵ in “A propósito de Maina Mendes ou de como eu já disse sobre isso o que tinha a dizer sem ofensa”.